

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

EMPODERAMENTO FEMININO: TRAJETÓRIA DE VIDA DE MULHERES NA
EJA

TEFÉ
2024

ALDEJANE CABRAL DA SILVA

**EMPODERAMENTO FEMININO: TRAJETÓRIA DE VIDA DE MULHERES NA
EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, no Centro de Estudos Superiores de Tefé, da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Professora Ma. Jussara Maria Oliveira de Araújo

TEFÉ

2024

ALDEJANE CABRAL DA SILVA

Empoderamento Feminino: Trajetória de Vida de Mulheres na EJA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovado em __ de junho de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Ma. Jussara Maria Oliveira de Araújo (UEA)
Orientadora

Professora Ma. Elcione Sousa da Silva Cordeiro (UEA/SEDUC)
Membro1

Professora Ma. Ana de Nazaré Egas Praia (UFSM)
Membro2

EMPODERAMENTO FEMININO: TRAJETÓRIA DE VIDA DE MULHERES NA EJA

Aldejane Cabral da Silva¹
Jussara Maria Oliveira de Araújo²

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos - EJA proporciona acesso à educação básica para indivíduos que não concluíram os estudos na idade apropriada, promovendo inclusão e desenvolvimento pessoal ao longo da vida. Assim como, oferece às mulheres oportunidades de empoderamento ao promover autonomia educacional e desenvolvimento pessoal, fortalecendo sua capacidade de enfrentar desafios sociais e profissionais. Diante disso, esse trabalho tem por objetivo analisar a influência da EJA na trajetória de vida de mulheres, visando compreender de que forma o processo educacional contribui para o empoderamento feminino, promovendo a autonomia, a autoestima e a capacidade de transformação social. Além disso, busca-se identificar os desafios enfrentados por essas mulheres ao buscarem a educação na fase adulta, bem como as estratégias utilizadas para superá-los. Para tanto, utilizou-se pesquisa qualitativa de cunho exploratório, utilizando a técnica de pesquisa de campo. A coleta de dados foi realizada por meio de registros no diário de campo e entrevistas com perguntas semiestruturadas. Essa abordagem proporcionou uma análise detalhada e abrangente do perfil dessas alunas e suas motivações para retomar seus estudos. Como aporte teórico, tem-se autores como Arroyo, Siqueira e Adichie. Ao final da pesquisa, pode-se observar que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) desempenha um papel crucial no empoderamento das mulheres, oferecendo oportunidades de crescimento pessoal e profissional, não apenas facilita o acesso ao conhecimento, mas também promove a igualdade de gênero e contribui para uma sociedade mais inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: EJA; Empoderamento feminino; Educação ao longo da vida.

ABSTRACT

Adult and Youth Education (EJA) provides access to basic education for individuals who did not complete their studies at the appropriate age, promoting inclusion and personal development throughout life. Additionally, it offers women opportunities for empowerment by fostering educational autonomy and personal development, strengthening their ability to face social and professional challenges. Therefore, this study aims to analyze the influence of EJA on women's life trajectories, seeking to understand how the educational process contributes to female empowerment, promoting autonomy, self-esteem, and social transformation capabilities. Furthermore, it seeks to identify the challenges faced by these women when pursuing education in adulthood, as well as the strategies used to overcome them. To achieve this, three complementary methodologies were employed: literature review, field research, and qualitative research. This approach provided a detailed and comprehensive analysis of the profile of these students and their motivations to resume their studies. Theoretical contributions include authors

¹ Graduanda em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CEST. Email: acdslet20@uea.edu.br

² Professora Mestra da Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CEST. Email: jmoaraujo@uea.edu.br

such as Arroyo, Siqueira e Adichie. At the end of the research, it was observed that Adult and Youth Education (EJA) plays a crucial role in empowering women, offering opportunities for personal and professional growth. It not only facilitates access to knowledge but also promotes gender equality and contributes to a more inclusive society.

Keywords: Adult Education; Women's Empowerment; Lifelong Learning.

INTRODUÇÃO

O empoderamento feminino é um tema de extrema importância na sociedade contemporânea, especialmente quando analisado no contexto da educação de jovens e adultos (doravante EJA). Ao considerar a trajetória de vida das mulheres que buscam a educação nesta fase, torna-se fundamental compreender os desafios, conquistas e transformações que ocorrem ao longo desse processo. A análise dessa temática permite investigar como essa modalidade de ensino pode ser um instrumento de empoderamento para mulheres, possibilitando o desenvolvimento de sua autonomia, autoestima e capacidade de transformação social.

Assim, o objetivo deste estudo é analisar a influência da EJA na trajetória de vida de mulheres, visando compreender de que forma o processo educacional contribui para o empoderamento feminino, promovendo a autonomia, a autoestima e a capacidade de transformação social. Além disso, busca-se identificar os desafios enfrentados por essas mulheres ao buscarem a educação na fase adulta, bem como as estratégias utilizadas para superá-los.

Existem diversos trabalhos que abordam o tema do empoderamento feminino na EJA, como Haddad e Pierro (2000) e Ribeiro (2008) oferecendo diferentes perspectivas e enfoques. Alguns estudos se concentram na análise das políticas públicas relacionadas a essa modalidade e seu impacto no empoderamento das mulheres, enquanto outros exploram as experiências individuais das alunas e como a educação influencia em suas vidas e perspectivas futuras.

A justificativa para a realização deste trabalho reside na importância de compreender o impacto da EJA na trajetória de vida das mulheres, especialmente no que diz respeito ao seu empoderamento. Em um contexto em que a igualdade de gênero e a inclusão social são pautas fundamentais, é crucial investigar como a educação pode ser um agente de transformação na vida dessas mulheres, promovendo sua autonomia, autoestima e capacidade de participação ativa na sociedade.

Sobre a base teórica do presente trabalho, observou-se a construção cultural da identidade feminina e o papel social das mulheres a partir das perspectivas de autores como Louro (1997), Siqueira (2009) e Adichie (2014). Bem como sobre questões educacionais baseou-se nas discussões de Arroyo (2000).

Para a abordagem metodológica, optamos por uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, utilizando a técnica de pesquisa de campo. A coleta de dados foi realizada por meio de registros no diário de campo e entrevistas com perguntas semiestruturadas, elaboradas com base nos objetivos estabelecidos, visando assegurar que estes fossem abordados. A coleta

dos dados aconteceu em uma instituição de ensino municipal na cidade de Tefé, com 06 estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com idade acima de 30 anos, tendo suas identidades preservadas por questões éticas.

O interesse pelo tema se deu devido às experiências pessoais da autora desta pesquisa que concluiu seus estudos na EJA, o que despertou o interesse em conhecer mais sobre as mulheres que frequentam essa modalidade de ensino, seus caminhos e perspectivas no retorno à sala de aula, suas dificuldades e aspirações pessoais.

O presente trabalho está estruturado em introdução, uma seção que trata da “Educação de Jovens e Adultos” na qual se aborda sobre um breve panorama acerca das principais características dessa modalidade. Dentro dessa, uma subseção intitulada “A mulher na EJA” que trata da descrição das alunas dentro da educação para adultos. Seguindo, apresenta-se também uma seção e subseção que tratarão do “Empoderamento Feminino” e dele na educação em que são abordados temas e conceitos pertinentes ao tema dessa pesquisa. Depois se apresentam os procedimentos metodológicos, a análise e discussão e as considerações finais.

Ao documentar e analisar as vivências dessas mulheres, este trabalho contribui para a valorização e compreensão de suas experiências, fornecendo dados e informações para futuros estudos e para a elaboração de estratégias que possam efetivamente promover o empoderamento feminino através da educação.

2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A EJA é uma modalidade de ensino que abrange todos os níveis da Educação Básica no país, destinada a jovens e adultos que não concluíram seus estudos na idade adequada ou que não tiveram acesso ao Ensino Fundamental e/ou Médio no momento oportuno. Essa iniciativa visa oferecer uma segunda chance educacional, sendo uma ferramenta valiosa para promover a inclusão social, a capacitação profissional e a autonomia desses alunos.

Diante disso, é natural que a EJA enfrente desafios, como a necessidade de flexibilidade nos horários de aula, métodos de ensino diferenciados para atender às necessidades específicas desse público e o combate ao preconceito em relação aos estudantes mais velhos, pois, frequentemente é permeada por prejulgamentos e estigmas. No senso comum, há quem enxergue a EJA como uma forma de educação destinada àqueles que abandonaram a busca pelo conhecimento e que agora não podem renunciar à chamada “segunda chance”. Isso muitas vezes resulta em uma desvalorização dessa modalidade de educação.

Diversos fatores podem levar uma pessoa a desistir de prosseguir com os estudos, como: a necessidade de buscar emprego para contribuir com a renda da família, formação de uma família, gravidez precoce ou simplesmente a falta de interesse na escola por enxergá-la pouco atrativa. Apesar disso, é relevante destacar que, independentemente do motivo pelo qual abandonou-se os estudos, a educação é um direito de todos.

Conforme Arroyo (2006, p. 30),

[...] no meu entender, os jovens e adultos que frequentam a EJA são a expressão do que eu chamaria esse entrelaçado entre direito à educação e os direitos humanos básicos. Diria ainda que desses jovens e adultos vêm, nesse entrelaçado, as interrogações mais instigantes para a recolocação da educação no campo dos direitos.

Arroyo destaca a importância dessa modalidade educacional para adultos como um direito fundamental, estando diretamente relacionada aos direitos humanos básicos. Ele ressalta ainda que os jovens e adultos que participam da EJA representam essa interligação entre o direito à educação e os direitos humanos. Além disso, aponta que a experiência desses alunos traz questionamentos significativos que devem ser considerados para reposicionar a educação como um direito fundamental. Essa visão destaca a relevância da educação para jovens e adultos e o papel crucial que desempenha na promoção dos direitos educacionais e humanos.

Percebemos que esses estudantes trazem consigo diversas características singulares para o ambiente escolar, incluindo culturas diversas e, muitas vezes, até mesmo, as marcas deixadas pelas experiências de violência ao longo de suas vidas. Por isso, o objetivo desse programa para não concluintes na idade apropriada é proporcionar oportunidades educacionais para esses jovens e adultos, especialmente considerando os motivos que os levaram a abandonar a escola durante a educação regular, quando eram crianças ou adolescentes.

A importância da Educação de Jovens e Adultos é frequentemente subestimada no campo acadêmico. É crucial destacar esse espaço como um local de expectativas e esperança para muitos, eles veem essa modalidade como um ambiente de socialização e superação das desigualdades, sobretudo de empoderamento, encontrando nesse contexto a possibilidade de alcançar autonomia e emancipação, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática e justa.

Diante disso, é relevante, então, incluirmos conceitos sobre cidadania para complementarmos o conhecimento sobre essa modalidade de ensino, a EJA. Para Manzini-Covre (2006), “a cidadania é o próprio direito à vida no sentido pleno. Trata-se de um direito que precisa ser construído coletivamente [...]”. Essa afirmação enfatiza que cidadania não se limita apenas a direitos formais, mas também inclui o acesso igualitário a oportunidades,

recursos e participação ativa na sociedade. A cidadania verdadeira implica não apenas em direitos individuais, mas também em responsabilidades e deveres compartilhados para com a comunidade e o país como um todo. Portanto, concorda-se que a construção da cidadania é um processo coletivo que requer o engajamento e a colaboração de todos os membros da sociedade, visando a promoção do bem comum, a justiça social e a dignidade humana.

Pode-se citar também a concepção de Dagnino (1994, p. 107) sobre cidadania:

Afirmar a cidadania como estratégia política significa enfatizar o seu caráter da construção histórica, definida, portanto, por interesses concretos e práticas concretas de luta e pela sua contínua transformação. Significa dizer que não há uma essência única imanente ao conceito de cidadania, que seu conteúdo e significado não são universais, não estão definidos e delimitados previamente, mas respondem à dinâmica dos conflitos reais, tais como vividos pela sociedade num determinado momento histórico.

O autor ressalta a cidadania como uma estratégia política que enfatiza sua natureza de construção histórica, determinada por interesses e práticas concretas de luta e por sua constante transformação. Isso significa que não existe uma essência única inerente ao conceito de cidadania, e que seu conteúdo e significado não são universais ou previamente definidos, mas sim respondem à dinâmica dos conflitos reais vivenciados pela sociedade em um determinado momento histórico. Em outras palavras, a cidadania é moldada pelas experiências e demandas da sociedade ao longo do tempo, refletindo as lutas e desafios enfrentados em diferentes contextos históricos, assim como acontece nas histórias da EJA.

A EJA deve ser promovida de forma a atender às necessidades específicas desse público, que por muito tempo teve seu direito à autonomia intelectual, social e econômica negado. É essencial desvinculá-la de crenças, estereótipos e obstáculos que permeiam a história das mulheres. Considerando que a maioria dos alunos dessa modalidade são trabalhadores, muitas vezes desempregados, idosos, jovens e donas de casa, que trazem consigo diferenças culturais em todos os aspectos da sociedade, é papel da escola proporcionar oportunidades de avanço para além da escolaridade, impactando positivamente a vida pessoal de cada um. Esse fato terá reflexos em toda a vida do ser humano, independentemente do gênero, visando alcançar uma melhor qualidade de vida e condições dignas de existência.

2.1 A MULHER NA EJA

O estudo sobre a presença da mulher na EJA é importante para que possamos compreender as desigualdades de gênero no acesso à educação. Durante muito tempo, as

mulheres foram privadas do direito à educação formal, seja devido a imposições sociais, responsabilidades familiares ou falta de oportunidades.

Teorias feministas, estudos de gênero e pesquisas que abordam a interseccionalidade entre gênero, classe social e raça, visam compreender os obstáculos enfrentados pelas mulheres na busca por educação ao longo da vida, incluindo abordagens sobre políticas públicas educacionais voltadas para a inclusão e promoção da equidade de gênero na EJA, destacando o papel transformador da educação na vida das mulheres e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A presença e o papel da mulher na educação para jovens e adultos representa um aspecto crucial no contexto educacional contemporâneo. Ao longo das últimas décadas, a discussão sobre gênero, empoderamento feminino e as particularidades da educação de adultos tem ganhado destaque, evidenciando a importância de compreender as experiências, desafios e conquistas das mulheres que buscam a educação em fases posteriores de suas vidas. Assim, a mulher na EJA revela a necessidade de reconhecer as múltiplas realidades vivenciadas por mulheres adultas que buscam a educação, muitas vezes enfrentando desafios como conciliar estudos, trabalho e responsabilidades familiares.

Como já mencionado, a educação das mulheres apresenta particularidades, incluindo dificuldades de acesso e permanência na escola, bem como outras características específicas que fazem parte da realidade dessas estudantes. No entanto, essa diversidade deve ser respeitada e integrada ao contexto escolar, levando em consideração principalmente o histórico do gênero feminino em relação às profissões e às condições estabelecidas por uma sociedade machista, que as colocou em uma posição submissa e considerada incapaz.

Diante desse fato, busca-se, por meio de muitas lutas, escrever uma nova história que compreenda o direito constitucional à igualdade em todos os aspectos sociais, inclusive na escola.

A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. A socialização dos filhos, por exemplo, constitui tarefa tradicionalmente atribuída às mulheres. Mesmo quando a mulher desempenha uma função remunerada fora do lar, continua a ser responsabilizada pela tarefa de preparar as gerações mais jovens para a vida adulta. A sociedade permite à mulher que delegue esta função a outra pessoa da família ou a outrem expressamente assalariado para este fim. Todavia, esta “permissão” só se legitima verdadeiramente quando a mulher precisa ganhar seu próprio sustento e o dos filhos ou ainda complementar o salário do marido. (Saffioti, 1987, p. 8)

A autora aborda de maneira perspicaz como a sociedade impõe limitações e atribui papéis específicos às mulheres e aos homens, perpetuando normas de gênero que influenciam profundamente suas vidas. A ideia de que as mulheres são primariamente responsáveis pela

socialização dos filhos, mesmo quando têm uma ocupação remunerada fora de casa, revela uma estrutura social que espera que elas desempenhem múltiplos papéis simultaneamente: o de provedora financeira e o de cuidadora principal dos filhos.

Ainda na citação de Saffioti, destaca-se a frase "A sociedade permite à mulher que delegue esta função a outra pessoa da família ou a outrem expressamente assalariado para este fim", esse trecho indica a necessidade de uma permissão para delegar essa responsabilidade que é condicionada às necessidades econômicas da mulher ou da família, sublinhando que a verdadeira aceitação dessa delegação ocorre apenas quando a mulher precisa contribuir financeiramente de maneira substancial. Essa análise evidencia como as expectativas de gênero moldam não apenas as oportunidades disponíveis para homens e mulheres, mas também como são percebidos seus papéis dentro e fora do âmbito doméstico, refletindo desigualdades estruturais profundamente enraizadas na sociedade.

Diante disso, destaca-se que ao longo da história, as mulheres foram frequentemente marginalizadas socialmente. A garantia de seus direitos e participação efetiva na sociedade são conquistas relativamente recentes. Conforme Louro (1997) afirma, "A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente submetidas resultou em sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da Ciência". Esse comentário aponta como a segregação social e política-histórica das mulheres resultou em sua invisibilidade generalizada, inclusive no contexto científico, onde suas contribuições foram frequentemente subestimadas ou ignoradas.

A autora Perrot (1998, p. 185) dedica-se a analisar a situação da mulher e destaca que:

[...] da História, muitas vezes, a mulher é excluída [...], o 'ofício do historiador' é um ofício de homens que escrevem a história no masculino, os campos que abordam são os da ação e do poder masculino, mesmo quando anexam novos territórios. [...] o silêncio sobre a história das mulheres também advém do seu efetivo mutismo nas esferas políticas, por muito tempo privilegiadas como os locais exclusivos do poder.

A autora enfatiza como a exclusão das mulheres na narrativa histórica é reflexo do domínio masculino. O silêncio sobre a história das mulheres também é atribuído à sua exclusão das esferas políticas, historicamente vistas como territórios exclusivos de homens.

Portanto, a discussão sobre empoderamento feminino na EJA coloca em destaque a capacidade das mulheres de superar obstáculos e buscar a realização pessoal e profissional por meio da educação. Nesse sentido, compreendemos que implica não apenas reconhecer as desigualdades enfrentadas pelas mulheres nesse contexto, mas também valorizar suas conquistas e contribuições para o campo da educação de adultos que oferece *insights*

importantes para promover políticas educacionais mais inclusivas e igualitárias, que atendam às necessidades específicas das mulheres que buscam a educação em fases posteriores de suas vidas.

3. EMPODERAMENTO FEMININO

O empoderamento feminino é um conceito multifacetado que se refere ao fortalecimento das mulheres em diversos aspectos da vida, incluindo social, econômico, político e pessoal. Inclui a busca de capacitação das mulheres para que assumam o controle sobre suas próprias vidas, fazendo escolhas autônomas que alcancem seu pleno potencial, sem serem limitadas por normas de gênero ou discriminação.

Isso inclui garantir acesso igualitário às oportunidades educacionais e profissionais, direitos reprodutivos, participação política, igualdade salarial, e criar ambientes seguros onde as mulheres possam prosperar sem medo de violência ou assédio. O empoderamento feminino não apenas beneficia as mulheres individualmente, mas também contribui para o desenvolvimento sustentável das comunidades e para a construção de sociedades mais justas e igualitárias.

Para que haja melhor compreensão dessa expressão, apresentar-se-á algumas definições sobre empoderamento, iniciando com os dicionários, como o Aurélio e o Houaiss. Segundo esses, o termo refere-se ao ato ou efeito de promover a conscientização e a tomada de poder e influência por parte de uma pessoa ou grupo social, geralmente com o intuito de promover mudanças nos âmbitos social, político, econômico e cultural que os afetam.

Ao destacar que o empoderamento envolve tanto a conscientização quanto a tomada de poder e influência por parte de indivíduos ou grupos sociais, essas definições estabelecem uma base clara para explorar o conceito em diferentes contextos. Além disso, ao mencionar os diversos âmbitos em que o empoderamento pode ocorrer: social, político, econômico e cultural, também é demonstrada a amplitude e a relevância desse processo em várias esferas da vida humana.

Adichie (2014) diz que "empoderar as mulheres é a coisa mais importante que podemos fazer para trazer paz e prosperidade a este mundo. É também a coisa mais inteligente a fazer. Não podemos ter um mundo de justiça social se metade dele está excluída." A autora ressalta que a inclusão e a igualdade de gênero são pilares essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Além disso, ao mencionar que não podemos ter um mundo de justiça social se metade dele está excluída, a citação nos leva a refletir sobre as consequências negativas

da exclusão das mulheres e reforça a necessidade de promover medidas que garantam a participação plena e igualitária das mulheres em todos os aspectos da vida social, econômica e política.

Nesse sentido, empoderamento é, simultaneamente, processo e o resultado, sendo que, no caso das mulheres, esse processo tem como objetivos: questionar a ideologia patriarcal; transformar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação de gênero as desigualdades sociais; e criar as condições para que as mulheres pobres possam ter acesso e controle sobre recursos materiais e informacionais.

O empoderamento também se refere ao processo pelo qual indivíduos, comunidades ou grupos sociais adquirem o poder de tomar decisões e controlar recursos em suas vidas. Isso pode envolver o acesso a oportunidades educacionais, econômicas e políticas, bem como a capacidade de influenciar mudanças em suas circunstâncias. O empoderamento busca promover a autonomia, a autoconfiança e a capacidade de agir de forma assertiva, especialmente em contextos nos quais haja desigualdade de poder.

Agregando a palavra feminino a empoderamento, passa-se, então, a tratar sobre o processo de conceder às mulheres o poder de participação social, assegurando que estejam cientes da luta por seus direitos, bem como a busca pela total igualdade de gênero. Esse conceito também é conhecido como empoderamento das mulheres, buscando dar voz e espaço para elas, permitindo que se posicionem livremente em diferentes contextos.

Assim, o movimento de empoderamento feminino busca garantir o direito das mulheres de serem ativas nos campos sociais, políticos e econômicos, de terem suas vozes ouvidas e consideradas, e de participarem ativamente em debates públicos e na tomada de decisões que impactam o futuro da sociedade, especialmente em questões relacionadas a elas mesmas.

A luta pelo empoderamento não acontece de forma isolada e individual. As mulheres envolvidas nesse movimento buscam conquistas e participam coletivamente, pensando em benefícios coletivos para as mulheres. Ela está ligada ao conhecimento e à autonomia socioeconômica que podem alcançar e desenvolver, permitindo-lhes ter o poder do livre arbítrio, decisão e influência, como por exemplo na escolha consciente e racional sobre parceiros ou parceiras, a eleição de representantes políticos, a opção sobre ter ou não filhos e a preferência de profissões e carreiras.

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latino-americanas, em especial, o objetivo maior do

empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com o a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. (Sardenberg, 2006, p. 2).

A autora destaca a visão das feministas sobre o empoderamento das mulheres como um processo fundamental para alcançar a autonomia e a autodeterminação feminina. Ao enfatizar que o empoderamento é tanto um meio quanto um fim em si mesmo, sublinha-se a importância intrínseca desse processo para a libertação das mulheres das estruturas opressivas de gênero e patriarcais. Além disso, ao mencionar o contexto latino-americano, ressalta-se a especificidade das lutas feministas nessa região, onde o empoderamento das mulheres é visto como um desafio direto à ordem patriarcal estabelecida. O objetivo último é questionar, desestabilizar e eventualmente transformar essa ordem, com o intuito de acabar com a opressão de gênero e alcançar uma sociedade mais igualitária e justa para todos.

A partir disso, é importante destacar sobre a influência do movimento feminista na caracterização do empoderamento feminino. O feminismo é um movimento social, político e cultural que busca a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres. Surgiu historicamente como resposta às desigualdades e opressões enfrentadas pelas mulheres em diversas esferas da vida, incluindo direitos civis, políticos, econômicos e sociais. O feminismo se manifesta em várias vertentes e abordagens, cada uma com ênfases distintas e estratégias diferentes para alcançar seus objetivos.

[...] o Feminismo é considerado em um sentido mais amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação dos próprios direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo (Duarte, 2003, p. 152).

O autor aborda o feminismo de uma maneira bastante inclusiva e abrangente, reconhecendo-o como um movimento que vai além da mera busca por igualdade de gênero. Ele destaca o papel do feminismo não apenas na luta contra a opressão e discriminação das mulheres, mas também na demanda por uma expansão dos direitos civis e políticos, seja em nível individual ou coletivo, sendo importante reconhecer que, assim como em qualquer movimento ou corrente de pensamento, o feminismo abriga uma variedade de opiniões e abordagens.

Algumas das principais questões abordadas pelo feminismo incluem a luta pela igualdade salarial, direitos reprodutivos, combate à violência de gênero, desconstrução de estereótipos e normas de gênero, e ampliação da representação e participação das mulheres na

política, na economia e em outras esferas de poder. Pode-se observar aqui que os objetivos do movimento feminista e do empoderamento feminino estão interligados.

Nesse contexto, é significativo observar não apenas a emancipação individual, mas também a busca por viver em um país com desenvolvimento saudável e duradouro. Isso vai além do aspecto pessoal, abrangendo a preocupação com o bem-estar coletivo e o progresso da nação como um todo. Essas reflexões são relevantes e ilustram a importância contínua da luta por direitos igualitários e por uma sociedade mais justa para todos.

A mulher tem o direito de participar da riqueza da nação, que ela mesma ajudou a construir. Tem direito a um patrimônio correspondente a seu esforço na construção de nossa sociedade, direito à isonomia profissional com os homens, a uma vida digna e a uma renda capaz de lhe prover suas necessidades. Tem direito não apenas a sua emancipação referente a seus direitos legais, econômicos ou políticos, e à sua libertação pessoal, mas também a viver num país com desenvolvimento saudável e duradouro. (Berth, 2019, p. 49-50).

Os autores abordam de forma contundente os direitos que são devidos às mulheres em uma sociedade justa e igualitária. Ressaltam o direito das mulheres de participar da riqueza nacional, considerando o papel fundamental que desempenham na construção e manutenção da sociedade. Além disso, enfatizam a necessidade de garantir a igualdade de oportunidades profissionais entre homens e mulheres, bem como o direito a uma vida digna e a uma renda que atenda às suas necessidades. Essa reflexão reforça a urgência de promover mudanças estruturais e culturais que garantam a plena realização dos direitos das mulheres em todas as esferas da sociedade.

O empoderamento é fundamental para dar liberdade às mulheres que, além de enfrentar a ameaça do machismo, também são impactadas pela desigualdade econômica e racial dentro de uma sociedade que marginaliza o que considera como minorias, excluindo essas pessoas dos espaços educacionais, profissionais e sociais, muitas vezes pelo simples fato de serem mulheres. Devemos oferecer oportunidades de empoderamento para que as mulheres tenham a possibilidade e autonomia de promover sua própria revolução, permitindo que se vejam de forma igualitária em relação aos homens.

3.1 EMPODERAMENTO E EDUCAÇÃO

Esse tema abrange uma série de abordagens interdisciplinares que buscam compreender como a educação pode contribuir para o empoderamento individual e coletivo. Dentro desse contexto, destacam-se teorias feministas que exploram a relação entre educação e emancipação

das mulheres, considerando a importância do acesso igualitário à educação para a conquista de direitos e autonomia.

Além disso, perspectivas sociais e psicológicas sobre o empoderamento são relevantes para entender como a educação pode influenciar na construção da autoestima, identidade e capacidade de agência dos sujeitos. Teorias da educação crítica também são aplicáveis, uma vez que enfatizam a importância da reflexão e da conscientização para promover a transformação social e o empoderamento das comunidades. De acordo com Poggio (2012, p. 91):

Pode-se dizer que a nossa identidade vai se constituindo por meio das relações com os outros e com o mundo. Cada indivíduo, então, incorpora as relações sociais, confirmando sua identidade pessoal, sua história e seu projeto de vida durante a sua existência. Com isso, o fato de pertencer a um gênero ou outro, também compõem as primeiras referências de mundo. Entretanto, embora se encontre diversos significados em diferentes culturas, as relações de sexo e gênero são, impreterivelmente, correlacionadas aos componentes políticos e econômicos de cada sociedade.

Esse comentário destaca como a identidade de cada indivíduo é formada através das interações com outros e com o mundo, incorporando relações sociais que moldam sua história e projetos de vida. A pertença a um gênero influencia significativamente essas primeiras referências ao mundo. No entanto, o texto também ressalta que as relações de sexo e gênero estão intrinsecamente ligadas aos aspectos políticos e econômicos de cada sociedade, variando em significado conforme as culturas, mas sempre influenciadas por esses contextos mais amplos.

A relação entre o empoderamento das mulheres e a educação é fundamental para promover a igualdade de gênero, reduzir a desigualdade econômica e racial, e melhorar a saúde e o bem-estar das comunidades. A educação desempenha um papel relevante no fortalecimento das mulheres, capacitando-as para fazer escolhas acertadas, exercer sua autonomia, e contribuir de forma significativa para o seu desenvolvimento humano. Explorar essa interconexão entre empoderamento e educação oferece uma oportunidade única para compreender os desafios atuais enfrentados pelas mulheres e propor soluções inovadoras que promovam a igualdade de oportunidades.

A educação também ajuda a aumentar a consciência e a autonomia em relação ao próprio corpo, possibilitando que as mulheres se tornem mais protagonistas nas decisões relacionadas à maternidade, tenham acesso a métodos eficazes de contracepção e compreendam que sustentar uma grande família demanda mais recursos financeiros.

Isso resulta em uma maior capacidade das mulheres de tomar decisões em prol de seu próprio bem-estar, permitindo-lhes lidar melhor com as vulnerabilidades a que estão expostas. A educação é apresentada como uma das estratégias mais eficazes para melhorar as condições de vida de um ser humano e como uma condição essencial para enfrentar a desigualdade de gênero. Essa visão ressalta a importância de investir na educação das mulheres como um meio fundamental para promover a igualdade de gênero e o empoderamento feminino.

A educação também pode promover o reforço dos papéis de gênero estabelecidos na sociedade, perpetuando padrões misóginos e a posição inferior da mulher em relação ao homem. O aumento das taxas de escolaridade entre as mulheres nem sempre está associado a uma melhoria significativa em suas condições de vida. E, a participação das mulheres no mercado de trabalho é vista como uma tentativa precária de escapar da pobreza, pois àquelas com menor nível educacional têm mais probabilidade de se tornarem donas de casa em vez de ingressarem no mercado de trabalho.

Essa perspectiva nos leva a refletir sobre a importância não apenas do acesso à educação para as mulheres, mas também da necessidade de transformações sociais profundas que permitam que a educação promova o empoderamento feminino e a igualdade de gênero, em vez de simplesmente reforçar papéis tradicionais e desigualdades estruturais.

De acordo com Davis (1981), "não basta apenas que a educação seja acessível às mulheres. Ela deve ser uma educação que desafie as estruturas de opressão e contribua para a transformação social, permitindo que as mulheres se empoderem e reivindiquem sua igualdade de direitos." A autora aborda as interseccionalidades de gênero, raça e classe, e a forma como essas questões impactam a vida das mulheres, especialmente no contexto da educação e do mercado de trabalho. Ressaltando a importância da educação como um instrumento de transformação social e empoderamento feminino, indo além do mero acesso à instrução formal.

A educação como ferramenta de empoderamento feminino está intrinsecamente ligada à forma como é oferecida pelo Estado e suas instituições de ensino. Os sistemas formais de educação podem espelhar as desigualdades sociais e legitimar abusos. Materiais didáticos muitas vezes retratam a figura masculina como corajosa, forte e ambiciosa, enquanto o feminino é representado como passivo, modesto e dependente. Esses ideais transmitidos por autoridades educacionais podem influenciar a autoimagem das meninas e limitar suas ambições futuras.

O tratamento diferenciado dado a meninos e meninas nas salas de aula também é preocupante, com exemplos de professores dedicando menos tempo às meninas com base em pressupostos culturais sobre seus papéis futuros. Dessa forma, o currículo formal pode se tornar um meio de reforçar papéis sociais tradicionais e profundas desigualdades de gênero.

"A educação, longe de ser um veículo para a mobilidade social das mulheres, muitas vezes tem servido para reforçar estereótipos de gênero e perpetuar desigualdades estruturais. O acesso à educação não garante necessariamente a emancipação das mulheres, pois está enraizado em sistemas sociais que valorizam e recompensam de maneira desigual homens e mulheres, brancos e não brancos, ricos e pobres. É fundamental repensar não apenas o acesso à educação, mas também as estruturas sociais que moldam as oportunidades e os destinos das mulheres em nossa sociedade." (Davis, 1981, p. 75).

A autora aborda de forma crítica a interseccionalidade entre gênero, raça e classe social, ressaltando a importância de questionar não apenas o acesso à educação, mas também as estruturas sociais que influenciam as oportunidades das mulheres. Portanto, buscar a paridade entre os diferentes gêneros nas escolas pode ser um passo crucial para reduzir as desigualdades sociais. No entanto, é importante reconhecer que a forma e a gravidade das desigualdades variam em cada contexto, e simplesmente buscar um equilíbrio numérico entre homens e mulheres nas instituições de ensino, sem considerar as bases do processo educacional e os resultados alcançados, pode ser prejudicial e agravar os desequilíbrios existentes. Em resumo, as evidências apresentadas devem representar um desafio para a educação como um meio de empoderamento feminino.

A escola é vista como tendo uma responsabilidade social em relação aos indivíduos que ali estão inseridos, devendo formar alunas empoderadas que possam refletir sobre os acontecimentos da sociedade e expressar suas opiniões sem medo. Além do desenvolvimento interno e da aquisição de autonomia, o conceito de empoderamento feminino envolve também a ideia de solidariedade e cooperação entre as mulheres, para que possam se inserir de forma ativa na comunidade em que vivem e tenham a oportunidade de desenvolver não apenas habilidades acadêmicas, mas também a consciência crítica, a autoconfiança e a capacidade de atuar como agentes de mudança em suas comunidades.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na elaboração dessa pesquisa. Abordaremos também os métodos da coleta de dados, a forma de tratamento dos dados obtidos e, por fim, as limitações do método escolhido.

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, por meio de uma pesquisa de campo que foi desenvolvida em uma instituição municipal da cidade de Tefé, a qual terá seu nome reservado por questão de sigilo, e aqui chamada de Escola Municipal Lidhya Lima como nome fictício. Diante da temática abordada nesse estudo, esse nome foi

escolhido para homenagear uma figura influente na história da sociedade tefeense como professora de língua portuguesa, e que infelizmente foi assassinada brutalmente pelo seu próprio companheiro.

Como instrumento de coleta de dados utilizamo-nos da entrevista, uma vez que essa técnica possibilita um agrupamento maior de dados e informações acerca de um determinado assunto, do qual se servem constantemente, e com maior profundidade, os pesquisadores das áreas das ciências sociais e psicológicas (Ribeiro, 2008). As entrevistas nos permitiram traçar o perfil das alunas da EJA da escola municipal Professora Lydhia Lima, em sua maioria: mulheres, acima de 30 anos, donas de casa, casadas e com filhos. Por diversos motivos, muitas delas foram obrigadas a abandonar os estudos ainda nos primeiros anos do colegial devido às dificuldades familiares, econômicas e de acesso a escola.

As entrevistas com perguntas semiestruturadas foram construídas com a garantia de que nossos objetivos iniciais seriam respondidos. Com o uso desse tipo de perguntas é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário (Flick, 2009).

Tratando-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, a metodologia de pesquisa foi bibliográfica, utilizando-se dos referenciais teóricos como suporte, o que nos permitiu ter um repertório sobre os autores que dialogam sobre a temática proporcionando uma maior compreensão sobre como surgiu e como é tratada a educação de jovens e adultos. E de campo, possibilitando a investigação do perfil das alunas atendidas na escola municipal Lydhia Lima, em Tefé.

As entrevistas foram todas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente, uma a uma, pois, de acordo com Gil (1999), “o único modo de reproduzir com precisão as respostas é registrá-las durante a entrevista, mediante anotações ou com o uso de gravador”. Considerando-se o registro das respostas um ponto importante na entrevista, definindo até mesmo o sucesso ou o fracasso na coleta de dados.

As anotações do diário de campo e da transcrição dos áudios, necessários para a análise, segundo Bauer e Gaskell (2002), possibilitam uma espécie de retorno ao campo pela via da lembrança, pois “ao ler as transcrições, são relembrados aspectos da entrevista que vão além das palavras e o pesquisador quase que revive a entrevista.” Assim, destaca-se a profundidade da experiência de análise qualitativa, pois a transcrição não apenas documenta as respostas verbais dos entrevistados, mas também captura nuances não verbais, como pausas, entonações

e expressões faciais, que são essenciais para compreender o contexto emocional e situacional da entrevista.

Realizada a coleta de dados, iniciou-se o processo de análises, estabelecendo um primeiro contato com os textos e referenciais teóricos, na tentativa de atribuir sentido e compreensão aos dados coletados a partir da fala dos sujeitos da pesquisa. Agrupando ideias, frases e parágrafos que identifiquem as convergências e divergências das participantes em relação à temática do estudo. Classificando e categorizando as respostas, organizando assim, de acordo com o conteúdo e com o tema (Ribeiro, 2008).

Com isto, a compreensão dos dados é facilitada pela melhor visibilidade, tonando-se possível o delineamento do trabalho rumo aos objetivos formulados.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Com a realização da entrevista com 07 questões semiestruturadas, direcionada a 06 mulheres estudantes da EJA em uma escola municipal, na cidade de Tefé- AM, houve a possibilidade de traçar o perfil das alunas da educação de jovens e adultos, discorrendo também sobre diversos aspectos relevantes da vida dessas mulheres: suas dificuldades, restrições no acesso ao ensino, percepções e pretensões de vida. Vale lembrar que todos os nomes são fictícios.

Para a percepção desse tópico, importam especialmente as experiências relacionadas as interrupções vivenciadas no período de escolarização regular, entrelaçadas ao trabalho e as relações familiares. Além das desigualdades, principalmente referente as condições econômicas, tida como um dos impedimentos na continuação e manutenção dos estudos, fato observado em alguns relatos de nossas entrevistadas.

Para melhor compreensão das discussões, apresentaremos um panorama das entrevistas realizadas com cada uma das mulheres participantes, relatando brevemente suas histórias de vida, desde o afastamento da escola até o retorno na vida adulta.

Iniciamos pela Maria da Paz, 39 anos: “Aí agora pouco tempo peguei troquei minha identidade punhei o “C” lá e assinei sabendo né, todas as letras do meu nome. Faz muitos anos que tava errado.” Essa aluna é casada desde os 14 anos de idade, possui dois filhos, durante a infância não teve acesso à escola, devido às atividades laborais na roça e proibição do pai, que dizia que moça só estudava para escrever carta para rapaz. Após o casamento vieram os filhos, e novamente, mais um impedimento de acesso à escola, tendo de comparecer com suas

obrigações domésticas e familiares. Retornou à escola já na vida adulta após os filhos estarem crescidos, está há dois anos na EJA.

Diz que encontrou complicações e discriminações na vida devido à falta de estudo e sua maior motivação para retornar à sala de aula foi a necessidade de exercer atividades simples do cotidiano, como: escrever uma lista de compras e ir ao banco. Relata também, que perdeu muitas oportunidades na vida devido ao analfabetismo, suas maiores dificuldades em permanecer na escola é conciliar o trabalho diário com os estudos, que bate o cansaço muitas vezes e por ter a saúde já fragilizada por causa de um acidente.

Durante muito tempo teve o nome escrito errado na carteira de identidade e após sua alfabetização, pela EJA, reconheceu sozinha o erro e pode fazer a alteração. Pretende fazer um curso profissionalizante futuramente.

Para Arroyo (2000), "a EJA é um espaço que permite a muitos adultos retomarem os estudos interrompidos pela necessidade de trabalho precoce, proporcionando-lhes novas oportunidades de aprendizagem e de vida". O autor destaca a importância da Educação de Jovens e Adultos como um meio de oferecer segundas chances àqueles que não puderam concluir seus estudos na idade apropriada devido a obrigações laborais e familiares.

A próxima aluna é a Maria do Livramento de 55 anos: "Tem coisa qui a genti vê mais não inxerga, porque não sabe lê". Ela possui 3 filhos, não teve acesso à escola na infância devido à dificuldade no acesso, era necessário atravessar o rio de canoa, um caminho longo e perigoso. Em seguida, foi retirada da família, por uma tia, que prometeu fornecer estudos, no entanto, foi submetida a trabalhos domésticos e inviabilizada de ir à escola. Casou-se aos 16 anos e o pouco que aprendeu de escrita e leitura foi ensinado pelo marido. Sente-se discriminada devido à falta de estudo, por ter sido chamada de analfabeta ao longo da vida. Sua maior motivação para retornar à escola foi alcançar sua independência e não se submeter mais aos filhos em atividades simples de leitura e escrita. Sua maior dificuldade em se manter na escola é a locomoção.

Seguindo, temos a Maria Esperança de 57 anos: "[..] quando a genti é mais novo cê aprendi as coisa mais rápido né?! Tem a cabeça melhó. Eu venho pá escola porque aqui eu mi distraio, aqui eu cunverso, tenho meus amigo, né?! Fica em casa, ixi, é tão ruim você fica só em casa." Ela é casada, possui 03 filhos, não teve acesso à escola devido a necessidade de trabalho e proibições do pai e marido. Sua maior motivação em voltar a estudar foi a tristeza em não "saber de nada". Já pensou em desistir das aulas devido a uma atividade avaliativa que não conseguiu resolver, mas, não possui dificuldades no acesso à escola. Diz que a falta de estudos prejudicou na vida, e que gosta de ir à escola pois tem amigas, pode conversar e se distrair.

Agora temos a Maria do Socorro, 42 anos: “[...] si eu tivesse entrado na escola mais cedo eu já tinha terminado meus Estudos, eu era uma pessoa muito mais feliz, porque tudo que eu ia vê eu ia lê. Eu ia sabe conversa melhor. Num ia te vergonha de conversa, porque tem muitas coisa a gente tem até vergonha di conversa porque fala errado. Porque num sabe lê, fala errado né?!” Em união estável, possui 3 filhos, não teve acesso a escola devido a necessidade de trabalho na roça. Mudou-se para cidade atrás de novas oportunidades de vida. Sua motivação para retornar aos estudos foi a necessidade em ler coisas básicas, como o nome dos mercados. diz não ter sofrido discriminações devido à falta de estudos e não encontra dificuldades em se manter na escola. Para ela a falta de estudos prejudicou muito na vida, se sentiria mais feliz e realizada caso tivesse estudado.

A partir do que vimos até aqui, podemos observar uma das discussões apontadas na fundamentação teórica na qual apontou-se que a educação desempenha um papel importante no fortalecimento das mulheres, capacitando-as para fazer escolhas acertadas, exercer sua autonomia, e contribuir de forma significativa para o seu desenvolvimento humano.

A seguir, temos a Maria do Carmo, com 43 anos: “[...] porque, assim, si eu tivesse estudado quando era mais nova, eu já sabia né?! Eu já sabia lê, sabia iscreve né?! Nem qui num tivesse uma facudade, ao meno assim pra mim mesmo né?! Assim, aprendendo lê e escreve, pra mim já ta bom.” Solteira, possui 1 filha, não teve acesso à Escola devido ao trabalho na roça e desinteresse dos pais em ter a filha estudando. Trabalhou de doméstica e criou sozinha a filha, pois o pai não quis participar da criação, diante disso não teve muitas chances de retomar os estudos, retornando apenas com a filha já adulta e incentivando-a.

Diz nunca ter pensado em desistir dos estudos e sua maior dificuldade é a locomoção devido a longa distância. Relata também ter sofrido discriminações por ser mulher, principalmente em relação ao ex-marido, que dizia que lugar de mulher era lavando roupa e não estudando. Para ela a falta de estudo prejudicou, pois, se tivesse estudado na idade adequada, já saberia ler e escrever.

Para finalizar, apresenta-se a Maria da Fé com 55 anos: “[...] nesse tempo que eu mi dediquei pra eli eu podia te dedicado pra mim, né?! Qui a genti tem o marido, a genti que cuida i tudo e as veis a genti isqueci da genti, né?! I hoje eu podia te uma formação, né?!eu podia vive melhor hoje né?! Ganha melhor né?! Eu perdi bastante.” Divorciada, possui dois filhos, teve acesso aos estudos até a 3ª série, mas não pode concluir em decorrência ao falecimento de sua mãe. Teve que cuidar da casa e da criação dos irmãos mais novos. Após o casamento e a chegada dos filhos não retomou os estudos, pois, se acomodou cuidando das outras pessoas e

não de si. Tendo os filhos adultos, e logo depois de romper o casamento, decidiu voltar a estudar.

Atualmente trabalha nos serviços gerais de uma instituição. Sua maior motivação no retorno à sala de aula foi a necessidade e a vontade de aprender e crescer como mulher e como pessoa. Sua maior dificuldade em continuar frequentando a escola é a distância e o cansaço do trabalho. Diz sofrer preconceito por ser mulher e estar na escola e que a falta de estudos prejudicou sua vida, que o tempo dedicado ao marido poderia ter sido investido nela e em sua própria educação.

Assim, esse panorama apresentado aqui, através dos relatos dessas alunas, nos leva a refletir sobre um ponto bastante comentado sobre os teóricos apresentados nessa pesquisa, isto é, a importância não somente do acesso à educação para as mulheres, mas também da necessidade de transformações sociais que possibilitem que a educação promova o empoderamento feminino e a igualdade de gênero, em vez de simplesmente reforçar papéis tradicionais e desigualdades estruturais.

Podemos observar, então, que mesmo diante de tantas obrigações, as mulheres procuram se empoderar e encontram nos ambientes da EJA um espaço para compartilhar vivências e se integrar, o que as leva a estar cada vez mais presentes nas classes de ensino para adultos. De maneira geral, elas apresentam diversas razões para seu retorno à escola: desde o desejo de melhorar de vida por meio da educação, passando pelo intento de auxiliar os filhos ou netos nas atividades escolares, até o anseio de contribuir para o sustento familiar ao retornar ao mercado de trabalho.

É relevante ressaltar que nos relatos das alunas da EJA há uma percepção da educação como uma possibilidade de melhoria de vida e crescimento, além disso, muitas expressam o desejo de conseguir ler a bíblia, receitas ou outros livros, e até mesmo a grande vontade de cursar uma universidade ou um curso técnico, assim é possível notar que esses espaços educativos começam a se caracterizar como territórios femininos, uma vez que a participação das mulheres em turmas da EJA tem se configurado como uma possibilidade de superação da exclusão que vivenciaram durante seu percurso escolar (Poggio, 2012).

Por fim, destaca-se que os testemunhos das alunas da EJA, foram incluídos neste artigo como forma de amplificar a voz a essas mulheres estudantes da EJA, mostrando que entre as diversas falas existem questões de violência entrelaçadas nas relações de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a temática “Empoderamento feminino: trajetória de vida da mulher na EJA”, podemos constatar que os objetivos propostos foram plenamente atingidos ao longo deste estudo. Inicialmente, buscamos compreender a importância da educação de jovens e adultos na promoção do empoderamento feminino, evidenciando como as mulheres encontram nos espaços da EJA uma oportunidade de crescimento pessoal e social. Em seguida, analisamos os desafios enfrentados por essas mulheres, destacando as dificuldades enfrentadas no retorno aos estudos, tais como as responsabilidades familiares e profissionais que muitas vezes impedem a conclusão dos estudos na EJA.

Os resultados da pesquisa revelaram que, apesar das adversidades, as mulheres estão buscando ativamente a educação como forma de melhorar suas vidas e contribuir para o sustento familiar. Além disso, observamos o desejo genuíno de desenvolvimento pessoal e profissional expresso por muitas delas, evidenciando o potencial transformador da educação de jovens e adultos no empoderamento feminino.

Refletir sobre o tema dessa pesquisa foi uma experiência enriquecedora e reveladora. Ouvir as vozes dessas mulheres foi essencial não apenas para alcançar os objetivos do estudo, mas também para compreender a complexidade de suas vidas e aspirações. Ao investigar como a Educação de Jovens e Adultos se torna um caminho de empoderamento, ficou claro que esses espaços educacionais oferecem não apenas conhecimento acadêmico, mas também um ambiente de apoio e crescimento pessoal.

As histórias compartilhadas destacaram os desafios significativos que enfrentam, desde conciliar responsabilidades familiares até superar barreiras socioeconômicas para continuar seus estudos. No entanto, o que mais ressoou foi o poder transformador que a educação representa para elas, não apenas como indivíduos, mas como agentes de mudança em suas comunidades. Os resultados da pesquisa não só validaram suas lutas e conquistas, mas também apontaram para a necessidade urgente de políticas educacionais que promovam o acesso equitativo e a permanência das mulheres na EJA.

Diante disso, sugere-se a continuidade do estudo sobre a trajetória de vida da mulher na EJA, aprofundando a análise dos fatores que influenciam o acesso e a permanência das mulheres nesses espaços educacionais. Além disso, é fundamental empregar os resultados desta pesquisa na área da educação, visando implementar políticas e práticas que promovam o acesso igualitário das mulheres à educação de jovens e adultos, contribuindo assim para o fortalecimento do empoderamento feminino em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *para educar crianças feministas: um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. *Ofício de Mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ARROYO, Miguel. *Formar educadores e educadoras de jovens e adultos*. In: SOARES, Leôncio José Gomes (Org.). *Formação de educadores de jovens e adultos*. Belo Horizonte, 2006.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, Georg e (org.). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Pólen, 2019.
- DAGNINO, Evelina. *Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania*. In: DAGNINO, E. (Org.). *Os Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo, Boitempo, 2016 (1981).
- DUARTE, C. L. (2003). *Feminismo e literatura no Brasil*. *Estudos Avançados*, 17(49), 151-172. Disponível em <<https://revistas.usp.br/eav/article/view/9950>>. Acesso em 5 de jun. de 2024.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira e Folha de São Paulo, 1988.
- FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. *Escolarização de jovens e adultos*. São Paulo: ANPEd, *Revista Brasileira de Educação*, n. 14, mai.-ago. 2000. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 30 de mai. de 2024.
- HOUAISS, A. *Grande dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. *O que é Cidadania*. São Paulo: Brasiliense: 2006.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- POGGIO, Inês Soares Nunes. *A construção das relações de gênero*. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org). *Educação de jovens e adultos, diversidade e o mundo do trabalho*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.
- RIBEIRO, E. A. *A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa*. *Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais*, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008. Disponível em

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/tecnica_coleta_dados.pdf>. Acesso em 10 de jun. de 2024.

SAFFIOTI, Heleieth. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. 12 f. NEIM/UFBA, Bahia, 2006.

SIQUEIRA, A. B. O Retorno de Jovens e Adultos aos Estudos Formais após 20,30, 40 Anos. Poiésis Revista do Programa de Pós-graduação em Educação. UNISUL, Tubarão, v.2, n.3, p. 32-43, jan./ jun. 2009. Disponível em:

<<https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/77/83>>. Acesso em: 10 de jun. de 2024.